

NOSSOS MESTRES

Teoria e prática aliadas na matemática

Docentes da rede pública do Distrito Federal elencam estratégias de ensino e formações que contribuem para alcançar bons resultados em cada uma das etapas da educação básica

» MARIANA NIEDERAUER

As constatações da Escuta Nacional de Professores e Professoras que Ensinam Matemática revelam profunda conexão com a prática docente quando observamos o trabalho de profissionais referência na área. O *Correio* ouviu professores que

atuam no ensino da disciplina em todas as fases da educação básica e, em comum, eles revelam a necessidade de se conectar com o cotidiano dos estudantes, independentemente da idade.

Na educação infantil, é o momento de se trabalhar o letramento matemático, que envolve

noções básicas como alto e baixo, pequeno e grande e formas geométricas. Pode parecer simples, mas virá daí a base para sustentar as conexões necessárias no restante da caminhada na educação formal. No ensino fundamental, os conceitos avançam, mas o uso de materiais concretos ainda

se mostra importante. Já no ensino médio, o encantamento exige novas estratégias e o domínio de plataformas múltiplas, além de escuta atenta para se conectar o universo dos alunos. Veja como esses professores, referências em suas comunidades, encararam esse desafio com maestria.

Encanto à primeira vista

A matemática sempre encantou a professora Adriana Rocha, 53 anos, mesmo antes de ela decidir que queria seguir carreira na docência. A escolha aconteceu no 2º ano do ensino médio, justamente a primeira vez em que ela sentiu dificuldade na disciplina sempre tão amada. “Decidi que eu precisava ser a professora que eu queria encontrar”, afirma.

Adriana sabia que, se alguém tivesse explicado de uma maneira mais didática, ela teria aprendido com mais rapidez. E é isso que ela persegue até hoje. “Minha docência é baseada numa educação humanizada, na proximidade com os alunos”, relata a professora, que se formou em 2002, pelo UniCeub, e foi aprovada no concurso da Secretaria de Educação dois anos mais tarde.

Seja em Sobradinho, onde começou a carreira, seja no Paranoá, onde leciona hoje, ela mantém os mesmos princípios, e revela que pouquíssimas vezes teve problemas de relacionamento com os estudantes. “É cultural os alunos terem dificuldade com matemática ou uma certa aversão à disciplina. Tento alcançá-los observando o cotidiano e que tipo

CARLOS VIEIRA



Para Adriana Rocha, escola é lugar de interação, escuta e observação das necessidades do estudante

de linguagem atrai os jovens hoje em dia”, explica.

Um dos exemplos é a ginca na planejada para incentivar os estudos com foco no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), porta de acesso para instituições

de ensino superior federais. “Fazemos uma gincana com eles em sala de aula, chamada Senhores do Enem. A cada bimestre, temos três dias intensivos em que trabalhamos de forma dinâmica, com conteúdo da série, mas em

formato de questões que caíram no Enem. Tudo de maneira muito lúdica”, detalha a professora.

Adriana Rocha é diretora da Escola Classe Auto Interlagos, mas em 2022 sentiu falta da sala de aula e retomou a prática docente

no CED Darcy Ribeiro, no período noturno. A paixão pelo ensino ecoa na família. As três irmãs dela também se tornaram professoras. Para se formar, organizaram um revezamento familiar: enquanto uma estudava, outra trabalhava, e assim sucessivamente.

O resultado do esforço reflete diariamente, em recompensas singelas que enchem Adriana de alegria. Tem aluno que diz que só vai para escola por conta da aula dela. “É um começo”, diverte-se. Ela reforça a importância da formação continuada. “As coisas não são estanque”, observa. Além do curso de licenciatura em ciências, biologia e matemática, Adriana fez especialização em matemática e estatística pela Universidade Federal de Lavras e para professor do ensino médio na Universidade de Brasília (UnB) e, quando teve uma aluna com altas habilidades, se inscreveu em um curso para estudar mais a respeito da condição. “O tempo que demorei para perceber isso me incomodou.”

A missão é complexa, e os desafios da inteligência artificial e da violência extramuros, em uma comunidade ainda muito marcada por vulnerabilidades, frequentemente se impõem. “Temos demandas maiores do que o sistema suporta. A cultura da paz não é algo fácil de se implementar, e a luta contra o mau uso da inteligência artificial também não”, avalia a profissional.